

O DICIONÁRIO INFORMAL E A RELAÇÃO DO FALANTE COM A LÍNGUA

THE “INFORMAL DICTIONARY” AND THE RELATION OF THE SPEAKER WITH HIS LANGUAGE

*Sheila Elias de Oliveira**

RESUMO: Partindo de uma perspectiva materialista, e mobilizando categorias enunciativas, como a de *orientação argumentativa*, e discursivas, como as de *autoria*, *criatividade*, *discurso lúdico*, este texto toma como objeto de reflexão o *Dicionário inFormal*, sustentando que este abre um lugar para uma escrita criativa que desloca sentidos sobre a língua, o dicionário, e permite a ocupação de uma posição de autoria, o que leva à possibilidade de um trabalho em sala de aula com a lexicografia “informal”.

PALAVRAS-CHAVE: Criatividade. Enunciação. Língua. Discurso. Lexicografia.

ABSTRACT: Taking a materialistic standpoint, and mobilizing enunciative categories, such as that of *argumentative orientation*, and discursive categories, such as *authorship*, *creativity*, *ludic discourse*, this text takes as object the *inFormal Dictionary*, arguing that it opens up a place for a creative writing that changes stabilized meanings about language and about the dictionary, and allows the occupation of a position of authorship, which leads to the possibility of classroom work with the “informal” lexicography.

KEY-WORDS: Creativity. Enunciation. Language. Discourse. Lexicography.

* Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas. Doutora em Linguística, professora da área de Semântica e Pragmática do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem. E-mail: sheilaeliasdeoliveira@gmail.com

O DICIONÁRIO INFORMAL E A RELAÇÃO DO FALANTE COM A LÍNGUA

1 O DICIONÁRIO INFORMAL: UMA NOVA RELAÇÃO COM A LÍNGUA

Na sua página inicial, o site do *Dicionário informal*¹ traz a seguinte descrição:

O dicionário de português gratuito para internet, onde as palavras são definidas pelos usuários. Uma iniciativa de documentar on-line a evolução do português. Não deixe as palavras passarem em branco, participe definindo o seu português!

O Dicionário inFormal é do c...!² Ali não existem definições certas ou erradas, mas definições da vida real para o português.

Nesta breve apresentação, os falantes, nomeados “usuários” [do português], são convidados a enviar ao site “definições da vida real para o português”. Duas finalidades se apresentam: a documentação on-line da evolução da língua; a apresentação de definições que não sejam certas ou erradas. Esta descrição traz dois implícitos sobre os dicionários existentes: a) por não serem on-line, eles não acompanham a evolução da língua; b) eles produzem uma normatividade sobre a língua, fundada na valoração de certo e errado. A estas duas características o Dicionário inFormal quer se opor.

O Dicionário faz, então, um convite ao falante para ocupar um lugar antes destinado aos estudiosos da língua: por ser “usuário”, ele é autorizado a descrever a sua língua, a colaborar com um dicionário. O saber que o autoriza é aquele advindo da prática linguística, e que o site do dicionário afirma que será isento de julgamentos de correção. É este novo lugar a ser ocupado, de falante-lexicógrafo inFormal, e seus efeitos sobre o instrumento lexicográfico de língua nacional e sobre a relação do falante com a língua e com a escrita que queremos discutir aqui, a partir de uma concepção

¹ Disponível em www.dicionarioinformal.com.br; consulta em 09/02/2014.

² A expressão-tabu recebeu reticências, para uma melhor adequação à linguagem acadêmica.

materialista da linguagem, e por meio da mobilização de categorias enunciativas e discursivas.

Na prática, o Dicionário inFormal não registra apenas palavras novas ou com funcionamento novo, que cumpram a finalidade de registrar a evolução on-line do português; ele aceita a inclusão de palavras que já constam de dicionários “formais” ou tradicionais, isto é, aqueles assinados por lexicógrafos estudiosos da língua. O Dicionário inFormal concorre, desse modo, com a lexicografia tradicional, também pelo que ela já apresenta.

Com relação à publicação dos verbetes, o dicionário faz uma opção que também difere dos dicionários de língua tradicionais: as definições são cumulativas, isto é, podem-se enviar definições para palavras já definidas, mesmo que estas sejam bastante próximas das já existentes, e elas vão sendo acrescentadas. Na lexicografia tradicional, novas acepções vão sendo adicionadas, outras vão sendo eliminadas ou reformuladas, mas este movimento segue, em geral, o critério de pertinência de uso na contemporaneidade do dicionário. A ordem das definições também obedece a um critério próprio: na lexicografia tradicional na atualidade, o critério é de uso (por frequência atestada em *corpus*) ou temporal (a partir do registro mais antigo); no inFormal, o critério é a popularidade, avaliada pelos leitores.

As postagens são datadas, localizadas por cidade e estado da federação, e assinadas, ainda que o Dicionário, na página de envio, recomende que o autor “não coloque seu nome de verdade, pois ele estará visível para todos”³. Desse modo, a assinatura já não implica uma relação referencial de correspondência com a verdade; há um jogo bastante usual na Internet, de adoção de um nome ou apelido para a identificação do locutor no site ou rede social em questão. Esta opção do Dicionário indica um movimento de abertura em relação à verdade, produzindo um efeito de verossimilhança próprio de certos funcionamentos da Internet. Este movimento será observado também nas definições e exemplos, que podem ou não intentar corresponder à realidade do nome ou objeto descrito, ou a sentidos estabilizados sobre eles. Há uma possibilidade de ludicidade⁴ para o falante, que escolhe entre representar o lúdico ou representar o que se supõe verdadeiro.

A esta liberdade de escolha do falante se junta a aparente ausência de regulação da escolha das entradas, ou tampouco das escolhas lexicais ou da sintaxe da definição. Embora na página de envio o Dicionário alerte que “a definição pode ser editada e se tornará propriedade do Dicionário inFormal”, o efeito sobre o leitor não é de um controle rigoroso, seja em relação à presença de palavras ou temas tabu, seja em relação aos modos de definir, exemplificar ou apresentar as relações semânticas solicitadas (*sinonímia, antonímia e relacionadas*).

Essas condições nos levam a sustentar que este dicionário oferece ao falante de português, em particular o brasileiro, um lugar de locutor para exercer uma relação não habitual com a língua. No final da década de 1980, a analista de discurso francesa Francine Mazière (1989, p.47) afirma sobre a relação falante-dicionário de língua:

O público, qualquer que seja, tem uma representação ainda ingênua do dicionário. Pelo fato deste ser, antes de tudo, um instrumento de consulta, a

³ Citado de: <http://www.dicionarioinformal.com.br/enviar/definicao/>

⁴ Quando falamos em *ludicidade* e em *lúdico*, pensamos na possibilidade de brincadeira, de jogo sobre as formas e os sentidos. Quando falarmos em *discurso lúdico*, estamos pensando no conceito de Orlandi (2001), que apresentaremos adiante.

definição goza de um estatuto particular: ela é sempre mais ou menos considerada como “boa”, “sem restrições de uso”, intercambiável de um dicionário a outro. Nós sempre temos um dicionário, e isto apesar das diferenciações teóricas importantes reivindicadas pelos lexicógrafos desde há duas décadas.

Esta “representação ingênua” do dicionário, que o toma como lugar de saber incontestável, e faz com as definições sejam tidas como intercambiáveis de um dicionário a outro, pode ser transformada ou pelo menos afetada por iniciativas como a do *Dicionário inFormal*. O Dicionário chama o falante a reconhecer-se como detentor de um saber sobre a língua, um saber que pode ser transformado em descrição das palavras da língua, e que é legítimo para ser tornado público. Isto não significa que o falante rechace o lugar de saber do lexicógrafo estudioso da língua, ou que substitua o Dicionário “Formal” pelo “inFormal”. Significa que a “formalidade” lexicográfica deixa de ser incondicional, e que uma nova relação dos falantes com a língua, com o dicionário e com a escrita é possibilitada.

Em relação à escrita, entendemos que a ocupação do lugar de locutor-lexicógrafo inFormal produz efeitos que vão além da inscrição nos modos de dizer de uma escrita lexicográfica, com seus elementos de base (definição, exemplos, relações entre palavras, no caso deste dicionário). Ao propor um modo de dizer que se apresenta como “inFormal” e sobre o qual incide um baixo nível de regulação por parte do site, o Dicionário abre espaço para uma escrita lúdica e criativa.

O formulário de envio da definição traz instruções bastante simples e não restringe a escrita em relação à sintaxe ou à escolha lexical. A instrução principal tem em consideração o leitor do Dicionário: “Escreva para todos os gostos”. Ela vem seguida de algumas precisões: “Você deve colocar uma frase que mostre o uso da palavra. O exemplo também pode ser um vídeo do Youtube.” E ainda: “Todo tipo de pessoa vai ler sua definição. Adicione exemplos completos para que as pessoas entendam sua definição.” Desse modo, propõe-se que a relação com o leitor tenha em vista o entendimento por “todo tipo de pessoa” e o agrado de “todos os gostos”. O Dicionário quer atingir um público o mais amplo possível, e com diferentes níveis de leitura.

Além desta instrução, o formulário traz espaços separados para inserção de elementos do verbete: *palavra*; *definição*; *exemplo*; *relacionadas* (com a explicação “Palavras que têm alguma ligação. (Ex. Médico e Hospital)”); *sinônimos* (com a explicação “Palavras que possuem o mesmo significado”); *antônimos* (com a explicação “Palavras que possuem significado contrário”). Estas pré-definições bastante gerais de elementos do verbete resultam em liberdade para a inserção não só das acepções e exemplos, mas também das relações semânticas.

A liberdade do colaborador-lexicógrafo inFormal também é observada em relação à informalidade da linguagem ou a palavras-tabu, seja no que diz respeito às entradas, seja no que diz respeito às definições. Ainda que o formulário de envio peça para assinalar em caso de resposta afirmativa às questões: “Você está definindo uma gíria?” e “Definição relacionada a sexo, xingamento ou palavrão?”, e que estas perguntas indiquem que os coordenadores do site possam fazer algum tipo de filtragem, nem gírias nem palavras-tabu são proibidas como entradas. Elas também estão presentes no corpo dos verbetes.

A relação proposta entre o site e o colaborador-lexicógrafo inFormal abre espaço para a ocupação de uma posição de autoria na escrita dos verbetes, isto é, de

produção de “um lugar de interpretação no meio dos outros”. Para a Análise de Discurso (AD), “porque assume sua posição de autor (se representa nesse lugar)”, o sujeito produz “um evento interpretativo” (ORLANDI, 1996, p.70). Ao se colocar como autor, e tendo como baliza instruções cujo caráter geral permite deslocar sentidos e modos de dizer estabilizados no dicionário e sobre as palavras, e permite encontrar o seu modo de escrita lexicográfica, o colaborador do Dicionário inFormal produz seu lugar de escrita e de interpretação do dicionário, das palavras e dos objetos a que elas referem. Ao fazê-lo, ele inscreve sua escrita em um processo de criatividade, de abertura polissêmica, em oposição ao de produtividade, regido pela paráfrase⁵:

Regida pelo processo parafrástico, a produtividade mantém o homem num retorno constante ao mesmo espaço dizível: produz a variedade do mesmo. (...) Já a criatividade implica na ruptura do processo de produção da linguagem, pelo deslocamento das regras, fazendo intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua. Irrompem assim sentidos diferentes (ORLANDI, 2000, p.37).

O Dicionário Informal oferece aos falantes outra possibilidade de escrita. É outro modo de estar na língua, outro modo de se tomar como falante, outro fazer lexicográfico, outro definir, outro exemplificar. Vamos examinar em seguida alguns verbetes em que podemos ver a criatividade em movimento, e modos de realização deste movimento.

2 VERBETES E MOVIMENTOS DE SENTIDO

Ilustraremos a criatividade presente na escrita de verbetes do *Dicionário inFormal* com a entrada *Fuleco*, discutindo algumas de suas acepções e exemplos⁶. *Fuleco* é o nome do mascote da Copa do Mundo de 2014, e é esta nomeação que gera o conjunto de verbetes que analisaremos. Esta entrada recebeu 54 (cinquenta e quatro) envios, o que indica, neste dicionário, um movimento oposto ao que Mazière observa, de acomodação a uma definição, a uma obra lexicográfica. Cabe lembrar que o Dicionário oferece a possibilidade de acumulação de verbetes – uma nova definição não invalida a anterior. Interessa-nos compreender, então, o que pode significar o gesto de redefinir.

No caso particular de *Fuleco*, redefinir é, muitas vezes, um modo de ratificar uma posição contrária à realização da Copa do Mundo, embora a posição que se projeta como descritiva e que pretende à neutralidade, na qual se apresenta ou a formação do nome (Futebol + Ecologia), ou sua remissão ao tatu-bola (animal eleito mascote) também esteja presente, em bem menor número de verbetes.

Sob o efeito de objetividade de um enunciado definidor e dos exemplos de uso que o seguem habitualmente em obras lexicográficas, a escrita do verbo se torna, nos

⁵ A paráfrase representa “o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. (...) Ao passo que na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação” (ORLANDI, 2000, p.36). Na AD, o deslocamento e a repetição são pensados em relação à memória discursiva, o interdiscurso: “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2000, p.30).

⁶ Agradecemos a Mônica Zoppi-Fontana pela indicação deste verbo.

casos em que definir serve para criticar, um lugar de manifestação da subjetividade, em um movimento argumentativo de protesto à realização do evento esportivo no país, ou, mais amplamente, à gestão política do Estado brasileiro. Esta direção argumentativa de condenação à realização da Copa toma corpo em modos de dizer, de trabalhar sobre a língua e sobre os sentidos estáveis de um verbete lexicográfico, e de construir um modo de escrita dentro da proposta do Dicionário inFormal. Examinaremos os exemplos abaixo.

Fuleco

A) Por Alan Head (PR) em 27-11-2012

Nome inventado por Ronaldo (fenômeno) para o mascote da Copa do Mundo de 2014, que soma seus dois principais hobbies: fuleira e traveco

"Vou sair hoje à noite curtir um **fuleco**"

B) Por Sebastião Vieira Caixeta (DF) em 27-11-2012

Com a definição deste nome para o mascote da Copa de 2014, há que se acrescentar outro significado. **Fuleco** é a resultante da junção das palavras fuleiro, que adjetiva a cartolagem, os dirigentes do futebol brasileiro, e timeco, que é a definição da nossa seleção nos últimos tempos.

A seleção e a CBF são fulecas.

C) Por micgabriel (PR) em 26-11-2012

FULECO = em inglês ?Full Lac? ou ?Full Lack? (nos dois casos a pronuncia é a mesma, ou seja, ?Ful Lék?). O significado destas duas expressões é bastante distinto. ?Full Lac? quer dizer ?tudo envernizado?.

?Full Lack? significa ?carência de tudo?.

Os tolos tangidos pela mídia imbecilizante que votaram no nome provavelmente não perceberam disto.

No Brasil vivemos um estado de **fuleco** (Full Lack)

D) Por Dicionário inFormal (SP) em 03-12-2012

O Cebolinha quando quer dizer: "Furreco"

"Na copa o Blasil vai da lum show **fuleco**".

E) Por Dicionário inFormal (SP) em 26-11-2012

De mau gosto; fuleiro; de baixa qualidade; avacalhado.

O nome do Mascote da Copa no Brasil é muito **fuleco**.

F) Por Rodolfo (PE) em 28-11-2012

De qualidade ruim ou índole contestável. Que ou aquele que pratica a ação de fulecar.

Ninguém liga para essa copa fuleca. Os políticos **fulecos** do Brasil vão roubar mais do que nunca e vamos continuar com saúde, educação e transporte público beem **fulecos!**⁷

⁷ Definições retiradas de dicionarioinformal.com.br/fuleco, páginas 1 a 4. A ordem e a indicação das definições por letras objetivam facilitar a visualização de alguns aspectos da análise.

O nome Fuleco foi escolhido em 25/11/2012, por meio de votação virtual no site oficial da Copa 2014. Ele preteriu os nomes Zuzeco (Azul e Ecologia) e Amijubi (Amizade e Júbilo). As propostas de nome para o mascote, tanto pelo caráter romântico de seus entrecruzamentos quanto por suas sonoridades inusitadas, já haviam sido objeto de ridicularização na internet e nas redes sociais. As datas dos envios das definições do Dicionário informal nos indicam que estes foram uma resposta rápida à oficialização do nome do mascote. É o caso para a maior parte dos cinquenta e quatro envios.

Nas definições A) e B), há uma brincadeira com a formação do nome Fuleco. Em A), em lugar das bases Futebol e Ecologia, o novo entrecruzamento proposto é entre Fúlia⁸ e Traveco, formação esta cuja criação é atribuída a Ronaldo Fenômeno, ex-jogador que desde 2011 é membro do Conselho de Administração do Comitê Organizador Local (COL), e que, na ocasião de sua nomeação, defendeu a importância da construção dos estádios para a Copa, justificando os gastos aí empreendidos, afirmando que Copa se faz com estádio, não com hospital⁹. Esta afirmação teve um efeito negativo sobre a imagem do ex-jogador, dada a infra-estrutura precária de serviços básicos, como os de saúde, no Brasil. O que estava em discussão eram justamente o mérito e a necessidade dos gastos vultosos com a Copa diante das condições sócio-estruturais do país.

O entrecruzamento proposto remete ainda a um fato da vida privada de Ronaldo, tornado público em 2008: neste ano, quando ainda era jogador do Milan, Ronaldo se apresentou em uma delegacia no Rio de Janeiro com um travesti que o acusava de extorsão. O jogador tinha estado, em companhia deste travesti, em um motel, o que foi noticiado na mídia. Ao ver ameaçada sua imagem pública de heterossexual, Ronaldo afirmou que tinha confundido o travesti com uma mulher, o que gerou, na época, comentários jocosos na mídia e na sociedade. Estes dois fatos tornados públicos sobre o jogador – sua declaração como membro do COL e o episódio policial – se conjugam na definição A) de Fuleco e significam Ronaldo como exemplo negativo da Copa e, por extensão, significam a própria Copa de modo negativo.

A definição B também reformula o entrecruzamento de Fuleco e o faz reivindicando explicitamente o acréscimo de “outro significado”: Fuleco seria a junção de Fuleiro (“que adjetiva a cartolagem” do futebol brasileiro) e Timeco (“que é a definição da nossa seleção nos últimos tempos”).

Estas duas definições exemplificam um conjunto dentre as definições de Fuleco que, pela brincadeira com a composição do nome-entrada, fazem uma crítica à organização da Copa, ao futebol brasileiro, ou ainda ao governo do país. A primeira das duas, mimetizando a lexicografia tradicional, enuncia como se estivesse descrevendo a formação oficial da palavra; já a segunda propõe sua versão como um acréscimo à proposta oficial. São dois modos de inscrição no fazer lexicográfico que, como os que veremos abaixo, não obstante suas quebras da tradição ou da “formalidade”, se

⁸ Manteremos sempre a grafia ou qualquer outro tipo de elemento tal qual no original, ainda que esteja em desacordo com as normatividades sobre a língua. De um lado, porque o dicionário se propõe como um lugar em que “não existem definições certas ou erradas”; de outro, porque, algumas vezes, como no caso de ‘fúlia’ em lugar de ‘folia’, entendemos que a troca produz um efeito de inscrição na relação com Fuleco, mantendo a grafia do primeiro formante do entrecruzamento.

⁹ Ver comentário mais recente sobre a declaração, que continuou gerando polêmica, em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2013/06/20/interna_brasil,372430/ronaldo-diz-que-frase-copa-nao-se-faz-com-hospitais-nao-esta-no-contexto.shtml

inscrevem no modo de dizer da definição lexicográfica, e tomam este modo de dizer para aquilo que não se espera de um dicionário: a realização de uma crítica social.

A definição C) brinca não com a formação do nome, mas com a sua sonoridade, a partir da qual cria uma etimologia popular para Fuleco, pela qual a palavra é explicada como um modo brasileiro de pronunciar duas expressões do inglês de significado “bastante distinto”: *full lac* (“tudo envernizado”) ou *Full lack* (“carência de tudo”). O exemplo explicita a crítica, desta vez dirigida ao governo brasileiro: “No Brasil vivemos um estado de fuleco (Full Lack)”.

A definição D) brinca também com a sonoridade do nome, propondo-o como uma corruptela de “furreco”, adjetivo que significa ‘de baixa qualidade’. O enunciado traz o personagem de quadrinhos infantis Cebolinha, de Maurício de Sousa, bastante conhecido no país, que troca os sons de ‘r’ (erre) pelo de ‘l’ (ele). Fuleco seria então: “O Cebolinha quando quer dizer: “Furreco””. Em seguida, o exemplo faz a crítica explícita à Copa, ainda na voz do Cebolinha: “Na copa o Blasil vai da lum show fuleco”.

A definição C), a do *full lack*, de modo semelhante à A), faz como se estivesse produzindo um saber lexicográfico tradicional, uma imagem que, no caso de C) é quebrada pelo comentário: “Os tolos tangidos pela mídia imbecilizante que votaram no nome provavelmente não perceberam disto”. Já a definição D), semelhantemente à B), traz um outro modo de dizer em relação à lexicografia tradicional, explicitamente lúdico; a remissão da palavra a um personagem infantil, e à sua dificuldade de pronúncia, traz o uso da palavra do geral para o particular, o que não é usual na lexicografia tradicional, e o faz de modo jocoso.

A definição E), assim como D), acima, apresenta Fuleco como adjetivo, e não como nome. E) traz como sinônimo o adjetivo *fuleiro*, com sonoridade próxima à de Fuleco, e também o adjetivo *avacalhado*, junto às acepções “de mau gosto” e “de baixa qualidade”: “De mau gosto; fuleiro; de baixa qualidade; avacalhado.” O adjetivo *fuleco*, assim definido, serve, no exemplo, para desdenhar o próprio nome do mascote da Copa: “O nome do Mascote da Copa no Brasil é muito fuleco”.

A definição F), por sua vez, parte do adjetivo para propor o verbo “fulecar”: “De qualidade ruim ou índole contestável. Que ou aquele que pratica a ação de fulecar.” Os exemplos criticam a Copa e os políticos brasileiros: “Ninguém liga para essa copa fuleca. Os políticos fulecos do Brasil vão roubar mais do que nunca e vamos continuar com saúde, educação e transporte público beeem fulecos!”

Ambas as definições E) e F) fazem como se estivessem propondo uma definição para os dicionários tradicionais na sua forma. É na sutileza da entrada de um adjetivo informal como “avacalhado”, em E), bem como no exemplo explicitamente crítico sobre o próprio nome do mascote da Copa, adjetivado como ‘fuleco’, ou na escrita que imita a oralidade (“beeem fulecos!”), e ainda na derivação do verbo ‘fulecar’, em F), que vemos o jogo lúdico sobre a palavra-entrada.

No conjunto de exemplos de definições de Fuleco, a crítica à Copa, ao futebol brasileiro, à gestão do Estado se faz de modo bem humorado, e incide sobre diferentes características da língua: a formação de palavras, a etimologia, a sonoridade. São evocados sinônimos, realizadas perífrases, é proposta uma relação entre línguas (inglês-português), são apresentadas outras categorias morfológicas a partir do nome (adjetivo e verbo). Em diferentes modos de trabalho sobre a língua, e diferentes modos de se relacionar com a lexicografia tradicional, ora imitando-a, ora confrontando-a diretamente, cada uma das definições produz uma escrita autoral, um lugar de

interpretação particular, dentro da mesma orientação argumentativa¹⁰, contrária à realização da Copa, e que, por vezes, estende a crítica ao futebol e/ou à gestão do Estado brasileiro.

3 LEITURA E ESCRITA LEXICOGRAFICAS

Nomeada como “língua portuguesa”, a língua que se tornou nacional e oficial no Brasil é tida no senso comum como corrompida pelos brasileiros, que não saberiam falar o português. A especificidade da nossa língua, e seu estatuto de língua outra em relação ao português do colonizador, embora já seja um fato científico¹¹, não faz parte do imaginário predominante na população.

Por sua vez, os dicionários de língua nacional não têm sido foco de investimento contínuo ou ostensivo nas políticas linguísticas do Estado Republicano brasileiro. As obras são poucas e, em geral, patrocinadas por investimentos privados. Hoje, o mais conhecido de nossos dicionários, o Dicionário da Língua Portuguesa, ou *Aurélio*, de Aurélio Buarque de Holanda, cuja primeira edição é de 1975, começa a dividir sua popularidade com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o *Houaiss*, de 2001, e talvez deixe de ser sinônimo de dicionário. Se o Estado brasileiro não investiu continuamente na produção ou na reelaboração das obras lexicográficas do nosso português, tampouco investiu de modo consistente na sua possibilidade de circulação. Os dicionários gerais continuam inacessíveis a grande parte da população. O efeito apontado por Mazière, que faz com os dicionários sejam tomados como intercambiáveis entre si, continua presente. Até porque, seja pelo preço, seja pela falta de políticas de promoção, os dicionários são instrumentos distantes da população em geral. Nas escolas, as concepções logicistas da língua e do texto, às quais se junta a ausência de políticas de formação para a leitura de dicionários antes dos anos 2000, também contribuíram para este modo inserção do dicionário em nossa sociedade.

Em meio a este estado de coisas, o Dicionário inFormal se configura como uma proposta inovadora de leitura do texto lexicográfico, e de sua escrita também. Uma proposta que possibilita outro lugar para o falante na sua relação com a língua, que já não vem mais pronta nem descrita por alguém que detém um saber que ele (falante) não detém, mas que pode também ser interpretada e descrita por ele, num gesto de reflexão sobre sua própria prática linguística ou a de outros falantes.

Cabe reiterar que nem todos os verbetes do Dicionário inFormal fogem ao modelo pretensamente descritivo e neutro do verbete lexicográfico tradicional. Para a entrada *Fuleco*, por exemplo, encontramos:

Fuleco

Por *Fuleco* (RJ) em 26-11-2012

Nome escolhido pela FIFA para o Mascote da Copa de 2014. Segunda a FIFA, é uma mistura de Futebol e Ecologia.

¹⁰ Tomamos a noção de orientação argumentativa tal como Guimarães (1987, p.25), baseado em Ducrot e Anscombe (1976): “orientar argumentativamente com um enunciado A é apresentar A como sendo o que se considera como devendo fazer o interlocutor concluir C”. Guimarães desloca a análise da argumentação de uma relação entre enunciados para uma relação entre os enunciados e os textos dos quais fazem parte, relação esta que denominará mais tarde (GUIMARÃES, 2011) de *integração*.

¹¹ Ver esta discussão de duas perspectivas distintas, em Galves (2001), a da Gramática Gerativa; em Orlandi (2002), a da Análise de Discurso.

"Fuleco" superou "Amijubi" e "Zuzeco" e batizará o tatu-bola que representa o Mundial que o Brasil receberá.

A proposta do Dicionário inFormal, portanto, acolhe tanto a “informalidade”, no sentido do descompromisso com uma verdade prévia no emprego geral ou, no caso de Fuleco, com o emprego oficial da palavra, como a “formalidade”. Mas esta última, na proposta do inFormal, se configura como uma opção do falante, que exerce o direito de fazer o que o lexicógrafo estudioso da língua faz, do modo como este o faz, ainda que em um dicionário diferenciado pela marca da possibilidade de “não-verdade” ou “não-seriedade” em relação à língua.

O discurso lúdico do Dicionário inFormal proporciona ao falante no lugar de lexicógrafo a liberdade de uma escrita que o coloca em uma posição de saber sobre a língua. Quando falamos em discurso lúdico, nos referimos à distinção de Orlandi (2001, p.154) entre discurso lúdico, polêmico e autoritário:

Discurso lúdico: é aquele em que a reversibilidade entre interlocutores é total, sendo que o objeto do discurso se mantém como tal na interlocução, resultando disso a polissemia aberta. O exagero é o *non sense*.

Discurso polêmico: é aquele em que a reversibilidade se dá sob certas condições e em que o objeto do discurso está presente, mas sob perspectivas particularizantes dadas pelos participantes que procuram lhe dar uma direção, sendo que a polissemia é controlada. O exagero é a injúria.

Discurso autoritário: é aquele em que a reversibilidade tende a zero, estando o objeto do discurso oculto pelo dizer, havendo um agente exclusivo do discurso e a polissemia contida. O exagero é a ordem no sentido militar, isto é, o assujeitamento ao comando.

No Dicionário inFormal, a acumulação de definições abre para uma certa reversibilidade entre os interlocutores: eu leio a sua definição, e proponho outra; sei que ambas estarão presentes. A polissemia do objeto de discurso, como vimos para Fuleco, é aberta. No Dicionário tradicional, ao contrário, o discurso é tendencialmente autoritário. Somente aquele que tem o saber reconhecido de estudioso da língua tem o direito a dizer sobre ela. O objeto do discurso (da definição), ainda que presente, se projeta como neutro, assim como a própria definição. A possibilidade de contraponto entre os modos de saber e de poder dizer a língua entre as obras tradicionais (com o seu mérito próprio) e o Dicionário inFormal produz um lugar de reflexão sobre a língua nacional e de apropriação desta língua pelo falante.

Com esta nova possibilidade, abre-se espaço para uma escrita criativa e reflexiva, uma escrita autoral, que desloca sentidos sobre a língua, e sobre a leitura e a escrita do dicionário. Uma escrita que permite ao sujeito se dizer enquanto falante e enquanto cidadão de uma sociedade democrática. Um modo de escrita que, ainda hoje, a escola muitas vezes resiste a propor, ficando no domínio da *produtividade*, em oposição ao da *criatividade*. Talvez o exercício lexicográfico que contemple a liberdade que o Dicionário inFormal propõe seja, afinal, uma prática de escrita possível de levar às salas de aula e que recoloca falante como sujeito do seu dizer e da sua língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUCROT, Oswald e ANSCOMBRE, Jean-Claude. L'argumentation dans la langue. *Langages*, 10e année, n°42, 1976. pp. 5-27.

GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação: um estudo das conjunções no português*. Campinas: Pontes, 1987.

GUIMARÃES, Eduardo. *Análise de texto: procedimentos, análises, ensino*. Campinas: RG, 2011.

MAZIÈRE, Francine. O enunciado definidor: discurso e sintaxe. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.) *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989, p.47-59.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. São Paulo: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2000, 2ed.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Tipologia de discurso e regras conversacionais. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 2001, 4.ed., p.149-175.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

Recebido em: 05 de março de 2014.

Aceito em: 08 de junho de 2014.